

Nem todos eram comunistas

1ª parte

FRANCISCO FRANCKERLE
EDITOR DN EDUCAÇÃO

1935 JORNALISTA GERALDO QUEIROZ RELATA O EQUÍVOCO DA PRISÃO DE SEU PAI, FRANCISCO QUEIROZ, APÓS O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

Há pouco mais de 73 anos, o Partido Comunista, sob o comando de Luiz Carlos Prestes, tentava tomar o poder no país com o Movimento Revolucionário de 1935. Natal foi a única capital brasileira que manteve o governo comunista por três dias, numa insurreição que eclodiu no dia 23 de novembro. Nos dias 24 e 27 do mesmo mês houve tentativas frustradas de repetir o feito em Recife e no Rio de Janeiro.

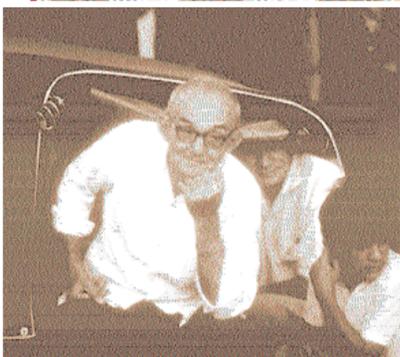
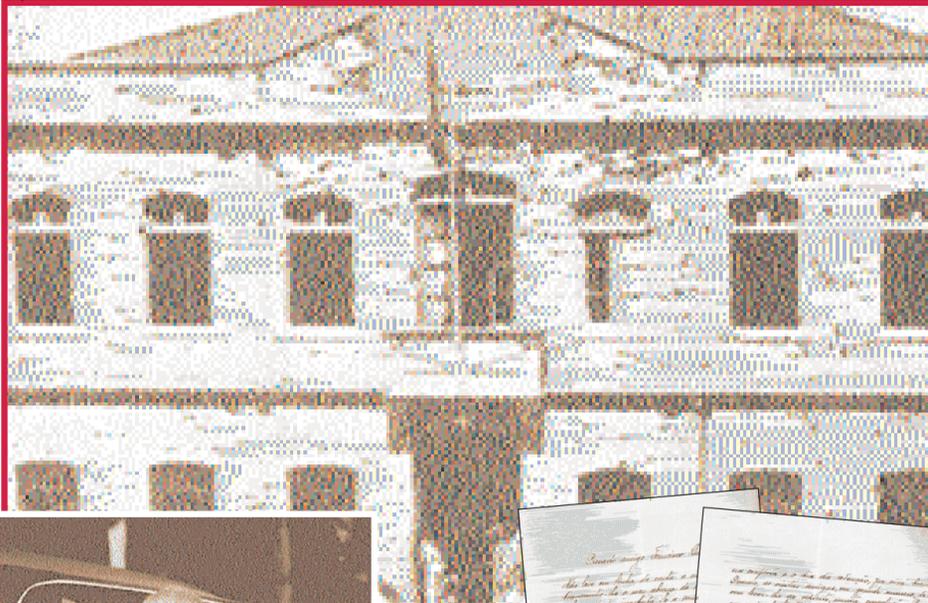
A revolta começou dia 23 em Natal com a sublevação do 21º BC, resistindo o dia 24 e 25. O movimento pôs em fuga o governador Rafael Fernandes e todo o secretariado que no momento do ataque se encontravam no teatro. Tomou posse uma Junta Revolucionária para governar o Estado e houve tentativas de expandir o movimento para as cidades do interior, para onde seguiram caravanas dirigidas por militantes do Partido com a missão de destituir os prefeitos locais, nomear pessoas de confiança e implantar o socialismo.

Os anos trinta marcam a entrada dos trabalhadores urbanos na cena pública, é um período de efervescência política. No Rio Grande do Norte o movimento sindical está em ascenso alimentado pela disputa entre cafeístas e comunistas. O Partido Comunista se volta para a organização sindical, formando os trabalhadores com o discurso ideologizado e sectário da frente única. Era um tempo de ideais. Tempo de disputa em que tomar partido era fatal.

Mas o movimento fracassou e foi decretado "Estado de Sítio" em todo o país. O governador Rafael Fernandes reassumiu o governo do Estado e junto com as elites proprietárias iniciou a grande revanche, numa caçada inédita.



Arquivo/DN



Na foto à esquerda, Francisco Queiroz, na década de 1960 e, à direita, fac-símile de correspondência recebida na época do movimento

Rebeldes, simpatizantes, sindicalistas e pessoas alheias ao movimento são perseguidos, presos, torturados, mortos. Prefeitos que eram adversários do governador refugiam-se para não serem presos. A repressão atingia a todos os adversários do grupo no poder. Os cafeístas, os não cafeístas, partidários da Aliança Liberal, todos foram presos sob acusação de comunistas.

A fúria maior abateu-se sobre os sindicatos, especialmente o das salinas. As sedes foram invadidas, o mobiliário e o material existente destruído e toda a diretoria presa.

As prisões recebem centenas de pessoas, muitas das quais em função de querelas locais, sem a menor ligação com a rebelião. Muitos caem na clandestinidade. No cenário nacional, Prestes é preso, permanecendo na prisão até 1945. Sua mulher, a judia Olga Benário é entregue à Gestapo, polícia política nazista, e viria a morrer em um campo de concentração da Alemanha, em 1942. Graciliano Ramos foi preso em Maceió sem acusação formal, somente viria se a filiar ao PCB em 1947. Foi levado para Recife e de lá para o Rio de Janeiro, passando por várias prisões, onde escreveu o livro "Memórias do Cárcere".

No Rio Grande do Norte, entre esses nomes, estava o de Francisco Alves de Queiroz, o Chico Queiroz da Várzea do Açú e de Pendências, que, com a interiorização do movimento, foi alvo da fúria do governo sendo preso e penalizado injustamente. O seu filho, o ex-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professor Geraldo Queiroz, traz o seu depoimento, com exclusividade para o Projeto Ler/DN Educação do Diário de Natal, constando de fato material documental, em que mostra o revanchismo e desprezo do poder público na perseguição aos revoltosos, chegando a atingir pessoas inocentes.

DEPOIMENTO GERALDO DOS SANTOS QUEIROZ*

Era um assunto que papai procurava evitar. O trauma sofrido com aquela prisão ocorrida em 7 de setembro de 1936 deixava cicatrizes que o impediam de conversar mais abertamente conosco sobre o fato, de lembrar em família as circunstâncias da ocorrência. O que sabíamos era através de mamãe, que nos falava do "levante de 35" e do movimento armado que, chefiado por Manoel Torquato, aterrorizava os habitantes do Vale do Açú, onde moravam nos idos de trinta, em meio ao carnaval e às casas dispersas de um pequeno povoado perdido na várzea: Saco. Localizado na zona rural do então município de Açú, esse sítio passou a integrar em 1963 o território do novo município de Carnaubais. Ali nasceram os primeiros filhos. Papai vivia de um pequeno comércio de secos e molhados, ajudado por mamãe, que também se dividia nos afazeres da casa com Sinhá Maria, a quem os filhos mais velhos - Luís, Terezinha, Gerôncio e Leda - chamavam Madrinha Maria e Eiléia. Para Salete e eu, nascidos depois em Pendências, era a nossa Mamãe Velha.

Eram fragmentos de informação que me chegavam mais de uma década depois da ocorrência, em muito criança em Pendências. Além disso, via a emoção dominá-lo a cada ano, nas comemorações do dia da pátria, quando completava aniversário de sua prisão. Observando mais do que exercitando a curiosidade dos questionamentos e indagações comuns da idade, apreendia gestos e emoções, armazenando também na memória aquelas manifestações.

No cofre, entre escrituras e certidões importantes, ele guardava com zelo cartas e bilhetes recebidos na prisão e outros encaminhados a Dona Izaura. Eram mensagens de amigos dos vários recantos da várzea, que expressavam solidariedade e indignação pelo crime de que estava sendo acusado e que provocara sua reclusão na cadeia do Açú, juntamente com Fany Bezerra, compadre e amigo varzeano: os dois teriam permitido a realização em suas casas de comício promovido pelo sindicalista Manoel Torquato para divulgação de "idéias extremistas", conforme o entendimento político da época.

Hoje, com mais de setenta anos de haverem cumprido a sua função solidária, repasso algumas dessas mensagens, tão bem guardadas por Tetê nos seus arquivos de bem querer:

Independência, 08.09.1936
Dona Izaura,
Eu e Zulmira vimos dar-lhe, e ao bom amigo Chico, o testemunho do nosso pesar, pelas grandes contrariedades que acabam de sofrer. Lembra-mos com o carinho da amizade que nas horas torturantes da vida os inocentes encontram o conforto no amor

de Deus, que é o alento da nossa alma. Não me achei com coragem de ir pessoalmente abraçá-lo. Fausto falou-lhe em meu nome. Pela paz de espírito dos bons amigos, rogo a Nosso Senhor, defensor dos inocentes, nos instantes de angústia.

O amigo de sempre
Servízio Fernandes

Independência, distrito do município de Macau, era na época denominação de Pendências. O nome primitivo, segundo historiadores, é este último e tem origem nas lutas e contendas entre as tribos indígenas que iniciaram a povoação do lugar. Talvez por essa razão, volta a Pendências nos anos quarenta, consolidando-se com este nome como município em dezembro de 1953.

Sem registro da localidade, duas cartas enviadas por Lauro Góis. A primeira, em 14 de setembro; a segunda, no dia seguinte. Da segunda, reproduzo:

Prezado amigo Francisco Queiroz,

Não leve em (...) conta a minha demora em transmitir-lhe o meu abraço de conforto e a minha solidariedade irrestrita. Se a saúde me permitisse, já teria ido pessoalmente visitá-lo e dizer-lhe que não desanimasse, pois a inocência não pode ser condenada. A calúnia (...) por si mesma, se destrói; é questão de mais ou menos dias...

A sua reputação, por cá, mantém-se (...) impecável, sem a menor mancha. Não são somente os que desfrutam a sua fidalga amizade, que o olham, com tristeza, para a sua situação. Todos, em geral, lastimam tamanha iniquidade. O que, porém, nos conforta é o dia da redenção, que virá breve. Demais, as visitas amigas, em grande número, devem levar-lhe ao espírito muita consolação...

Queira transmitir ao nosso amigo Fany os meus protestos de solidariedade.

Aguardando a sua volta breve, envio-lhe de cá, do meu cantinho, o meu abraço estreito.

É indispensável dizer-lhe que do pouco que valho você dispõe sem condições.

Sempre seu muito amigo
Lauro Góis

Não cheguei a conhecer Lauro. Pelos mais velhos, sabia da importância que dava aos estudos, tornando-se por muito tempo, na região, uma referência de homem letrado, culto. Chegou a fazer até o último ano de medicina na Bahia, sendo impedido de concluir o curso por motivo de saúde. Doente, teve que retornar. Faleceu em Pendências em 1941 após peregrinar na região em busca de clima melhor para continuar a viver. Lembro-me de uma estante em nossa casa que

guardava seus livros, adquiridos por papai na esperança de que um de nós seguisse a profissão de médico. Nenhum se dispôs a assumir tamanha responsabilidade.

Além dessas incursões informativas, outras iam sendo feitas através das primeiras leituras a que tive acesso sobre o movimento de 35/36 no vale: o livro *Várzea do Assú*, de Manuel Rodrigues de Melo, cuja primeira edição data de 1940, três anos antes de eu nascer, e a revista *Cincoentário*, poliantéia publicada em 1945, comemorativa dos 50 anos da Capela de São João Batista de Pendências. Apesar da pouca escolaridade, Seu Chico cultivava o hábito da leitura e gostava de música. *Royal Cinema*, valsa do potiguar Tonheca Dantas sempre tocada nas festas do Grupo Escolar Luiz Gonzaga de Pendências, e *Asa Branca* e *A Volta da Asa Branca*, do outro Gonzaga, o rei do baião, eram, na representação poética do que significam para o nordestino a seca e o prenúncio das chuvas, as suas preferidas. Por isso, além da estante com livros e revistas sempre disponíveis, uma vitrola antiga enriquecia de informações o nosso cotidiano.

Já adulto, o interesse pelo assunto me acompanhou. Procurando entender melhor o fato, os motivos que o geraram e a época em que ocorreu, tentava organizar mentalmente as peças daquele mosaico de informações sobre comunismo, protestantismo, movimento sindical, levante comunista de 35 no Rio Grande do Norte e a guerrilha empreendida por Manoel Torquato e aliados no Vale do Açú, na qual foi morto em combate com o grupo o fazendeiro Artur Felipe. Narrando o episódio, a revista *Cincoentário*, dirigida por Manuel Rodrigues de Melo, informa que Artur "faleceu aos 43 anos, no dia 2 de janeiro de 1936, no tiroteio do Açude Canto Comprido, em que se chocaram de um lado um pequeno contingente de soldados e civis, representando a ordem legal, e do outro, um número regular de adeptos do comunismo, egressos da fracassada revolução de 1935, que fugindo à severidade da lei, levavam o luto e a orfanidade aos lares sertanejos".

A primeira edição de *Várzea do Assú* vincula o movimento comunista na região ao protestantismo. "Mossoró e Areia Branca (...) eram os centros de irradiação doutrinária de onde saíam os pregadores da nova idéia. De lá veio o crenatismo em 1928, como de lá veio o comunismo em 1934. Sem o primeiro não se justificaria o segundo". Tomando como referência outros estudos e interpretações, o autor conclui: "temos que aceitar (...) o ano de 1928 como o da entrada do comunismo no Baixo-Assú, época em que tiveram curso naquela região as primeiras manifestações protestantes,

sendo Manoel Torquato o seu primeiro anunciador". Numa conversa que mantive com o então senador Luís Carlos Prestes, quando de sua visita à Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 10 de outubro de 1987, ele afirmou desconhecer tal relação. Atribuiu o vínculo estabelecido ao fato de tanto o comunismo quanto o protestantismo conflitar com os procedimentos políticos e religiosos dominantes no país. O próprio autor descarta essa interpretação a partir da segunda edição do livro, publicada em 1949. Em nota explicativa, cujo original data de 18 de agosto de 48 e se encontra atualmente no acervo da Fundação Félix Rodrigues em Pendências, ele afirma: "tratando-se de um trabalho exclusivamente etnográfico, estudando o homem na sua função diária, normal - no trabalho, em família, na mesa, nas festas, nas danças - e relacionando-o com os usos e costumes locais, entende o autor que deve excluir, do seu plano, todo e qualquer assunto que ultrapasse os limites da Etnografia". E completa: "o estudo sobre a infiltração do Comunismo, na Várzea, não figura nesta edição, reservando-se o autor ao direito de examiná-lo oportunamente, em livro dedicado ao fenômeno bolchevista no Rio Grande do Norte". Não voltou a fazê-lo.

Em outras vertentes fui encontrando novas informações. João Maria Furtado classifica o movimento como "a primeira guerrilha vermelha da América, a antecessora de Che Guevara". Para ele, "operários das salinas entre eles Manoel Torquato num gesto evidentemente suicida sob o comando do advogado provisionado Miguel Moreira penetraram na caatinga (...) e chegaram a assaltar propriedades (...), travando diversos choques com a Polícia. Morto Manoel Torquato, traçoicamente, por um dos componentes da guerrilha, os demais foram presos sendo que Miguel Moreira perdeu um olho na permanência de alguns meses em contínua movimentação nessa louca aventura".

A afirmação de Furtado contribuiu para aumentar ainda mais a minha curiosidade. Teria sido o vale do Açú, de fato, palco de uma guerrilha... a primeira conduzida por comunistas no continente americano? O que caracterizava a aventura vivida por Manoel Torquato e seu grupo como um movimento de guerrilha? Os atos de seqüestro empreendidos, os saques, as pregações, os comícios, eram táticas de uma estratégia política maior? Como se configurava na prática a bandeira defendida pelo grupo? Qual a mensagem levada para os varzeanos?

De forma mais sistemática e com novos procedimentos de análise, a

partir dos anos 80 o meio universitário passa a abordar o tema, constituindo-se a partir daí uma outra vertente de informações. São representativos dessa época dois estudos de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, transformados posteriormente em livro: *O Sindicato do Garrancho*, de Brasília Carlos Ferreira e *A Insurreição Comunista de 1935 - Natal, o Primeiro Ato da Tragédia*, de Homero de Oliveira Costa.

No primeiro chega-se ao vale e à guerrilha pelos caminhos de organização da classe trabalhadora, da fundação em Mossoró do Sindicato do Garrancho, congregando operários das salinas, e das lutas travadas para o seu reconhecimento. Confirma-se a orientação do partido comunista, já em atividade no município quando é criado o sindicato. O espaço sindical, conforme dito, era um espaço privilegiado "onde o partido colocava suas propostas e onde desaguiavam naturalmente todas as suas orientações". Do exaustivo trabalho de reconstituição histórica elaborado pela autora, com ênfase no período 1931-1936, destaco alguns pontos que me levam a compreender melhor o problema. De forma resumida, aqui estão: o interesse pelo sindicato e seu crescimento geraram forte ação repressiva, inclusive policial, contra as reuniões e atividades sindicais, levando alguns dos seus membros à clandestinidade; nessa condição e sendo natural da várzea, Manoel Torquato é designado para atuar na região levando a doutrina partidária juntamente com a mensagem de sindicalização à população trabalhadora, constituída em grande parte por pequenos agricultores que, na entressafra agrícola, se dedicavam ao trabalho nas salinas; a luta armada chega a ser proposta em reunião do partido. Apesar de derrotada, a proposta é assumida pelos seus proponentes como etapa preparatória do movimento revolucionário a ser deflagrado em todo o país sob a orientação do partido.

Nos dois trabalhos percebe-se o radicalismo político vivido à época no Rio Grande do Norte. Marcado por atos de violência e arbitrariedade, o clima tenso contribuiu para a precipitação dos acontecimentos no estado, sendo Natal a primeira cidade onde o movimento eclode, em 23 de novembro, mantendo-se ainda por quatro dias. *A Insurreição Comunista de 1935 - Natal, o Primeiro Ato da Tragédia* historia o fato e suas conseqüências. O autor constrói um trabalho original, elaborando a análise do levante a partir de informações e documentos até então desconhecidos: os processos julgados pelo Tribunal de Segurança Nacional, atualmente sob a guarda do Arquivo Nacional no

Rio de Janeiro. Além da interligação com o sistema de interventorias implantado com a Revolução de 30, que antecedeu o governo constituído empossado um mês antes da insurreição, ele mostra alguns caminhos da guerrilha no vale do Açú. "Era comum, por exemplo, ao invadirem fazendas, realizarem pequenos comícios, esclarecendo as razões da luta e conclamando à adesão. Após a realização dos comícios (que não se faziam apenas nas fazendas invadidas), sempre solicitavam colaborações em dinheiro, destinadas à aquisição de material bélico."

Completa o trabalho a relação de todos os indicados no Rio Grande do Norte com o número dos respectivos processos. Chico Queiroz está lá. Consta dos processos 22 e 391. No primeiro estão ele e Fany. No outro, um número maior de pessoas. Pela primeira vez, senti-me dispor de dados concretos sobre a atuação de papai naquele período. Agora, com mais objetividade, poderia procurar novas respostas para questionamentos que ainda persistiam sobre a sua prisão. Decidi, então, ir ao Arquivo Nacional. Buscar o fio da meada. Conhecer os dois processos. Se possível, analisá-los detidamente. E fui. Apesar de todo o acesso facilitado para a consulta, não tive como obter cópia dos documentos como desejava, face aos cuidados de preservação. Restou-me garimpar ali mesmo as informações principais. Ao retornar a Natal, me deparei com uma grata surpresa. Sabendo do meu interesse, o professor Homero Costa me repassava parte do material que utilizara em suas pesquisas. Reconstituído pacientemente, o material compõe quase na íntegra o segundo processo, o que me possibilitou percorrer com mais tempo as suas páginas.

* Jornalista

Notas

1 *Cincoentário* (Poliantéia), Pendências, 07 de janeiro de 1945.

2 Melo, Manuel Rodrigues. *Várzea do Assú*, Edição dos Cadernos, 1940, São Paulo.

3 Melo, Manuel Rodrigues. *Várzea do Açú: paisagens, tipos e costumes do Vale do Açú*, 3ª edição; versão ampliada e anotada pelo autor. IBRASA/INL, 1979, Brasília.

4 Furtado, João Maria. *Vertentes* (Memórias), Gráfica Olímpica Editora Ltda., 1976, Rio de Janeiro.

5 Ferreira, Brasília Carlos. *O Sindicato do Garrancho*, Coleção Mossoroense, série C, V.CDLXXXII.

6 Costa, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia*. Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.